

Tragédia da hemodiálise ronda Sobradinho

Auditoria do Ministério da Saúde mostra que casos semelhantes ao de Caruaru podem se repetir

Gustavo Miranda

Isabel de Paula

• BRASÍLIA. Uma auditoria realizada pelo Ministério da Saúde em 492 centros de hemodiálise do país mostra que novas tragédias como a do Instituto de Doenças Renais de Caruaru, em Pernambuco — onde 52 pessoas morreram vítimas de intoxicação — podem estourar a qualquer momento. Localizada a 25 quilômetros da Esplanada dos Ministérios, a unidade de hemodiálise do Hospital Regional de Sobradinho registrou em 1995, segundo a auditoria, 57% de mortes entre os pacientes renais em tratamento. Das 42 pessoas atendidas no ano passado, 27 morreram. Equipamentos sucateados, filtros reutilizados excessivamente e atendimento precário vêm contribuindo para a morte dos doentes renais. Há quatro meses, a auditoria determinou o fechamento do centro e a transferência dos pacientes para outros locais, mas até hoje ele continua funcionando, mesmo que precariamente.

Dois outros centros que usam água da rua vão ser fechados

Dois centros de hemodiálise de Salvador (BA) — um do Hospital Geral e o outro do Hospital Roberto Santos — também terão de ser fechados, conforme os auditores. Eles estão utilizando água da rua, sem nenhum tratamento. A contaminação da água por uma toxina produzida por microalgas foi o que causou a morte dos pacientes renais de Caruaru, vítimas de hepatite tóxica. O ministro da Saúde, Adib Jatene, confirmou ontem que vários centros de hemodiálise apresentaram irregularidades, mas alegou que o Governo não pôde simplesmente fechá-los porque não tem lugar para mandar os doentes renais. O relatório final da auditoria do ministério nos centros de hemodiálise, que vem sendo mantido em sigilo, será divulgado pelo ministro na próxima semana.

— Não é só o serviço de hemodiálise de Brasília que apresenta esses problemas, mas nós não podemos fechá-los de uma hora para outra porque não temos para onde mandar os doentes. Eles morrerão se ficarem sem a hemodiálise — justificou Jatene.

O índice de mortalidade de pacientes renais que fazem hemodiálise no Hospital Regional de Sobradinho é um dos mais altos do país. No Brasil, a média de



FUNCIONÁRIA DO HOSPITAL Regional de Sobradinho limpa a sala de hemodiálise, na qual morreram 57% dos pacientes renais que estavam em tratamento

mortes é de 20%. Em São Paulo é de 15% e na Bahia, segundo os auditores, chega a 45%. O relatório da auditoria revela que das seis máquinas de hemodiálise existentes no Hospital de Sobradinho, quatro estão sucateadas. Um dos auditores explicou que os equipamentos não fazem a necessária filtragem do sangue, levando o doente a se envenenar com toxinas, como uréia e creatinina, reintroduzidas no organismo.

A auditoria também revela que os capilares — filtros usados na purificação do sangue — são usados em Sobradinho de 35 a 40 vezes até serem jogados fora. O máximo permitido é seis vezes. A lavagem desses filtros é feita por profissionais vestidos inadequadamente, sem luvas, máscaras ou aventais. No dia da auditoria, foram encontradas sobre uma pia duas bolsas de sangue, pinças,

formigas e restos de lanche.

O Centro de Hemodiálise de Sobradinho funciona na mesma área do Centro de Terapia Intensiva do hospital. Mistura pacientes crônicos com doentes renais agudos. Segundo um dos auditores que participou da inspeção, o hospital deveria ter uma sala branca (para pacientes com insuficiência renal) e uma amarela (para doentes de Aids e hepatite, por exemplo). Por falta de espaço no hospital, a sala amarela foi transformada em local de repouso para enfermeiros.

O vice-diretor do hospital, Sérgio Raimundini Cavechia, argumentou que o relatório da auditoria é exagerado e que, por isso, foi encaminhada uma carta-resposta ao Ministério da Saúde. Cavechia disse que o hospital sofre com o excesso de pacientes crônicos e agudos que vêm da cha-

mada região do entorno (municípios vizinhos da Bahia, de Minas Gerais e de Goiás). Ele reconheceu que os equipamentos do centro realmente são velhos, mas alegou que funcionam de maneira satisfatória porque passam periodicamente por manutenção. Quanto à alta taxa de mortalidade, ressaltou que os registros se devem ao grande número de doentes renais terminais ou pacientes graves internados na UTI que utilizam a hemodiálise.

— Culpar o processo dialítico pelas mortes não tem o menor sentido. Reconhecemos nossas falhas e estamos procurando melhorar — afirmou Cavechia.

O ministro Adib Jatene disse que o Ministério da Saúde vai jogar pesado para que os centros de hemodiálise adotem as exigências necessárias para proteger os 25 mil doentes renais do país. Ele

acha que a maioria dos serviços de diálise e hemodiálise têm plenas condições de se adequar às normas do ministério sem serem fechados. Segundo Jatene, todos os centros terão de implantar o equipamento de osmose reversa, usado na purificação da água, além de um sistema para eliminar bolhas. Também terão que trocar as unidades dializadoras com vida útil ultrapassada.

O prazo dado pelo ministério para que os centros se ajustem é de 30 dias, mas a exigência já foi feita ao Hospital de Sobradinho há quatro meses, sem resultado. O ministro disse que o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) já liberou R\$100 milhões para o financiamento de equipamentos de hemodiálise. Os centros poderão obter esses equipamentos beneficiando-se de isenção fiscal. ■